



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do novo centro do Consórcio Social da Juventude do Grande ABC

Santo André-SP, 03 de junho de 2006

Meus queridos amigos e amigas do ABC,
Meus queridos jovens do nosso país,
Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,
Meu querido prefeito de Santo André, João Avamileno,
Meu querido companheiro Aloizio Mercadante,
Meu caro Claudio Schowe, presidente do Conselho de Administração da Cooperativa de Consumo da Volkswagen,
Meu caro Teodoro Brasília de Lima, coordenador-geral do Consórcio,
Meus companheiros deputados estaduais,
Deputados federais,
Prefeitos,
Vereadores,
Mas, sobretudo, meus queridos jovens, meninos e meninas do ABC paulista,

Quando a nossa chefe do cerimonial estava fazendo a apresentação, e depois, quando o Teodoro falou, eu senti um clima, como há muito tempo eu não via, de manifestação da juventude. Nós estamos na cidade de Santo André, mas me parece que tem mais gente de São Bernardo e Diadema que gente de Santo André aqui. Eu acho que a política que nós temos feito para a juventude brasileira possivelmente não tenha chamado a atenção, ainda, de muita gente neste país. Possivelmente os prefeitos não saibam de tudo,



possivelmente os políticos não saibam de tudo e, possivelmente, a imprensa não saiba de tudo que nós estamos fazendo para a juventude neste país.

Eu queria começar, ministro Marinho, porque você e o Teodoro já falaram praticamente tudo sobre o Consórcio Social. Eu queria lembrar a vocês que, quando nós tomamos a decisão de fazermos a Universidade Federal aqui no ABC, não foi uma coisa que surgiu da minha cabeça depois que eu virei presidente da República, não. É que eu, muitas vezes, ainda quando dirigente sindical na década de 70, não me conformava de ser a Região do ABC, uma das mais ricas do país, e a gente não tinha aqui, no ABC, uma universidade federal, onde a gente tinha um dos maiores parques industriais de todo o país. A impressão que eu tinha era de que nós éramos castigados porque ganhávamos um pouco mais do que a média dos trabalhadores brasileiros.

Quando chegamos lá tinha um projeto, esse projeto foi aprovado e nós fizemos uma inovação. Aqui, ao invés da gente contratar um engenheiro para fazer o projeto da universidade, nós fizemos um concurso. Esse concurso já foi realizado e agora já está em licitação, para começar a construção da obra da nova universidade que, quando estiver completa, vai ser uma universidade para 20 mil alunos, aqui no ABC.

O vestibular é agora este mês. As aulas vão começar com 1.500 alunos, a partir de setembro, num prédio alugado. E, enquanto isso, nós vamos construindo o prédio para ver se, em setembro do ano que vem, a gente já pode aumentar um pouco mais. Mas, o que é importante, é que nós estamos também abrindo concursos, e já foi realizado um para a contratação de 120 professores com atividade mínima de doutor. Ou seja, para dar aula aqui, não basta ser professor, tem que ser professor-doutor, porque vai ser universidade de muita qualidade, universidade de ponta, sobretudo universidade tecnológica.

Mas não é apenas isso. Diadema jamais tinha imaginado ter um braço de universidade, e nós levamos lá, me parece que sete cursos ligados à área de saúde. Levamos para Guarulhos 10 cursos ligados às áreas de humanas;



levamos para Santos cursos ligados à área de Medicina; levamos para Sorocaba e vamos levar para Osasco. Ainda este mês vamos anunciar em Osasco e vamos ver o que podemos fazer, porque são muitas coisas. O Brasil ficou muito tempo sem investir em universidades. Só para vocês terem uma idéia, em São Paulo, que é o estado mais rico da Federação, 82% de todos os jovens que estudam em universidades no estado de São Paulo, estudam em universidade privada. Apenas 18% estudam em escolas públicas. Como é que nós resolvemos mudar isso? Nós fizemos duas coisas: a primeira é como garantir que mais jovens entrem na universidade, já que a gente não tem tempo de construir todas as universidades que nós precisamos e nem dinheiro.

E aí, meus queridos professores e alunos, foi uma idéia genial do nosso ministro Fernando Haddad, que propôs que fizéssemos um convênio com a rede privada de educação, que fizéssemos uma isenção de determinados impostos que eles pagavam e, o equivalente ao valor do pagamento que eles tinham que fazer, nós transformaríamos em bolsa de estudo. Dessa engenharia toda, surgiu uma coisa chamada ProUni, que já colocou, até janeiro deste ano, 204 mil jovens na universidade, dos quais, só no estado de São Paulo, 64 mil jovens, dos quais 40% são afrodescendentes, 1200 são indígenas e agora, neste mês, vamos colocar mais 46 mil alunos. Nós vamos chegar então a 251 mil vagas em todo o Brasil, sobretudo para as crianças das escolas públicas que não conseguem passar no vestibular das federais e que, muitas vezes, presta o vestibular, passa e, quando chega no mês de fevereiro, que vai fazer a matrícula, percebe que a mensalidade custa 800 reais, 900 reais, mil reais. Volta para a casa desanimada, desalentada, porque não tem dinheiro para pagar.

Pois bem, o ProUni resolveu uma parte disso. Mas só para vocês terem uma idéia, nós começamos a ter a primeira universidade federal no Brasil em 1920, a primeira. Aí teve governo que fez cinco, teve governo que fez quatro, governo que fez duas. A verdade é que nos últimos anos diminuiu muito. Eu



então tomei a decisão. Possivelmente, porque eu não tenho diploma universitário e tenho filho estudando em escola paga, é que sei o sacrifício de um pai que trabalha, que ganha 2000 reais por mês, 1500 e que tem que gastar metade para educar o filho. E eu sei que o maior legado que um pai pode deixar para um filho, o maior legado que uma mãe pode deixar para a filha, não é um carro, não é uma casa, é um diploma universitário, é uma profissão, porque significa a independência desse jovem.

Por conta disso, eu queria dizer para vocês: nós ainda não chegamos a quatro anos de governo, e vocês podem pegar na história do Brasil quem foi que fez mais. Nós já fizemos e estamos fazendo, quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos fazendo 43 extensões universitárias, ou seja, estamos levando as universidades das capitais para o interior do país, para permitir que a juventude que mora nas cidades pequenas e médias do Brasil tenha a oportunidade de, próximo da sua terra natal ou na sua própria terra natal, encontrar um jeito de se formar, de aprender uma profissão, e não ficar na expectativa de ter que agir como se fosse nômade, viajando o Brasil inteiro para prestar vestibular, atrás de uma vaga numa universidade.

E, se Deus quiser, nós vamos fazer o milagre da educação neste país, porque eu tomei uma decisão na minha vida: no meu governo, é proibido falar em gasto quando a gente fala de educação. A gente gasta quando a gente tem que construir uma cela numa prisão. Educação é investimento porque é profissão, é sabedoria, é inteligência. E cada jovem que a gente formar, depois de quatro anos, ele retribuirá, quem sabe em pouco tempo, quatro ou cinco vezes aquilo que foi investido para sua formação.

Marinho, a coisa era tão grave no Brasil que, em 1998, não sei quem tomou a decisão, que o governo federal não tinha que se preocupar mais com escola técnica. Não era da responsabilidade do governo federal. Ora, um absurdo total, eu diria quase que um crime contra a juventude brasileira. Pois



bem, nós então mandamos para o Congresso. Mudamos a lei e este ano, até dezembro, se Deus e Nossa Senhora Aparecida ajudar, nós vamos inaugurar 32 escolas técnicas novas neste país para dar ao jovem a oportunidade de continuar estudando.

Está no Congresso Nacional para ser votado, no Senado, o Fundeb, que é o Fundo Nacional de Educação Básica. Para que a gente possa garanti-lo, significam 4 bilhões e meio de reais a mais para a educação. Aumentamos de oito para nove anos o tempo de permanência de uma criança na escola. Antes como é que funcionava? Uma pessoa de classe média, que podia pagar uma pré-escola, colocava o seu filho com seis anos numa pré-escola. Quando ele atingia sete é que ele entrava na escola, aí já tinha contato com lápis, caderno, caneta, ou seja, ele já tinha uma certa familiaridade. E o coitado do mais pobre que não tinha pré-escola, entrava com sete. Ele entrava praticamente analfabeto. Ele não conhecia nada.

Então, costumava-se dizer: “por que essa criança é inteligente e a outra não é?” Não era verdade. Era que uma tinha tido oportunidade e a outra não. Então, nós começamos agora, a partir de seis anos de idade. Isso é gradativamente. A partir de seis anos todas as crianças vão entrar na escola. Todas vão ter a mesma oportunidade para que a gente possa provar que todos são inteligentes. O que precisa é tomar café da manhã, almoçar, jantar, ter tranqüilidade em casa e estudar.

Pois bem, eu digo para vocês que, quando abraço uma menina e um menino que vieram falar comigo, eu poderia estar abraçando cada um de vocês, porque eu tenho uma inveja de vocês muito grande, vocês têm 18 anos, 17, têm 20. Eu já estou com 60. De vez em quando a gente falava: não, eu já passei pela idade de vocês. Tenho mais experiência que vocês. Hoje, os mais velhos não têm mais experiência, porque na era da informática, um moleque de oito anos consegue fazer no controle remoto de uma televisão o que um velho de 60 não faz nunca. Ou seja, nós estamos vivendo uma geração em que o



neto é mais esperto do que o avô. Que o neto sabe muito mais que o avô.

Então, veja que coisa engraçada, vocês estão começando a vida profissional de vocês e estão tendo uma oportunidade. Eu não sei quais as dificuldades que vocês têm dentro de casa. Mas, se tem uma coisa que eu queria pedir para vocês, como avô, como pai, como presidente da República, é que vocês não permitam nunca que haja desarmonia dentro da casa de vocês, que conversem com a mãe de vocês, conversem com os pais de vocês. Se tiverem problemas, enfrentem de cara e discutam, porque não tem nada pior na vida de um adolescente do que ele perceber que os pais estão em desarmonia. Ele não consegue ter referência, fica desempregado, não tem escola, a vida da pessoa vira um verdadeiro inferno.

Então, é preciso que a gente saiba que tudo será melhor se a gente tiver vivendo em harmonia, se a família estiver bem. E eu falo isso porque fui uma criança igual ou mais pobre do que qualquer criança que tem aqui, fui criado praticamente sem pai, com uma mãe com oito filhos. Morávamos num quarto e cozinha em situação degradante. Mas toda vez que a gente pensava em fazer alguma coisa ruim, eu lembrava da minha mãe e lembrava que a gente não podia fazer nenhum mal para ela e nem envergonhá-la. E não tem nada mais sagrado do que o pai e a mãe de vocês. Por mais errado que eles estejam, tente ajudar a consertá-los, porque a gente só vai perceber que eles são importantes quando eles não estiverem mais.

Mais uma coisa importante que eu queria dizer para vocês era a quantidade de políticas que estamos fazendo para a juventude brasileira. A primeira coisa que fizemos foi criar uma Secretaria Nacional da Juventude. Essa Secretaria é ligada à Presidência da República e junto ao Conselho Nacional de Juventude. O governo federal mantém 22 programas exclusivos para jovens e 77 ações em outros programas, nos quais os jovens são o público principal. Apenas em 2005, meu caro Aloizio Mercadante, presta atenção nisso – que você é bom em decorar números – apenas em 2005 o



governo federal investiu na juventude brasileira 3 bilhões e 830 milhões de reais nos mais diferentes programas que demos para a juventude brasileira. Primeiro, você conhece o Programa ProJovem. O Programa era para as capitais.

Num primeiro momento, nós entendíamos que nas capitais é que estavam as grandes concentrações de jovens morando na periferia, muitos vivendo em área de risco. Então nós resolvemos criar um programa para as capitais. Acontece que nem todos os prefeitos entenderam. Aqui para São Paulo, por exemplo, na capital, nós colocamos 30 mil à disposição do prefeito e lamentavelmente ficamos um ano esperando, Aloizio, e o prefeito não atendeu as 30 mil vagas e nós não preenchemos. Daí, nós tomamos a decisão de estender para a região metropolitana, porque São Paulo tem São Bernardo, Santo André, São Caetano, Diadema, Guarulhos, Mauá, Ribeirão Pires, Osasco, que são grandes cidades e que nós então resolvemos estender.

O que é o ProJovem? O ProJovem é você pegar jovens de 18 a 24 anos que terminaram a quarta série, mas não terminaram o ensino fundamental, e que não estavam estudando, para concluir a oitava série e fazer com que esse jovem possa concluir o ensino fundamental e aprender uma profissão. Nós damos 100 reais para cada jovem como ajuda de custo e também a prefeitura pode organizar para que ele tenha um trabalho comunitário. Foram 182 mil jovens.

O Primeiro Emprego, o Marinho já falou aqui do Primeiro Emprego. O ProUni, eu já falei do ProUni. O Brasil Alfabetizado alfabetizou 1 milhão e 200 mil jovens. O Soldado Cidadão, que é uma paixão, é uma coisa dos meus sonhos, sobretudo para os meninos que estão aqui. O Soldado Cidadão, este ano, nós vamos ter 100 mil jovens a mais. São jovens em idade de serviço militar, normalmente da periferia, que estarão se incorporando às Forças Armadas Brasileiras, 50 mil agora no primeiro semestre. Esses jovens, além de aprender a disciplina militar, além de aprender as coisas do seu país, vão



aprender uma profissão e, quando ele sair do Exército, vai estar muito mais qualificado para adentrar ao mercado de trabalho.

O Programa Segundo Tempo é um programa que tenta criar as condições de prática de esporte para o aluno que estuda de manhã fazer esporte à tarde, e para os que estudam à tarde fazer esporte de manhã. São 1 milhão e 300 mil crianças e adolescentes participando. O Agente Jovem, assistência social, aula de saúde, cidadania e meio ambiente, são bolsas de 65 reais por mês, durante um ano, para jovens de baixa renda de 15 a 17 anos, temos 167 mil jovens. Nossa Primeira Terra são 17 mil títulos entregues a jovens agricultores que queremos que continuem trabalhando no campo.

Nós poderemos fazer muito mais. Se houver a compreensão da combinação entre estado nacional, os estados, as prefeituras, os empresários brasileiros e as entidades da sociedade civil como eu vi, aqui, agora, essa quantidade de entidades extraordinárias participando, com o mínimo de ajuda do governo federal. Nós poderemos, daqui a alguns anos, sonhar em afirmar que a juventude brasileira está tendo a sua oportunidade.

Eu queria concluir dizendo para vocês uma coisa: nós temos, na vida da gente, vocês percebem que em todas as atividades da vida humana, a idade entre 17 e 30 anos é a idade em que a gente pode tudo. O jogador de futebol atinge o auge da sua carreira entre 20 e 30 anos. O lutador de boxe atinge o auge da sua carreira entre 20 e 30 anos. Apenas a profissão da gente é que, quanto mais velho vai ficando, vai ficando aprimorado.

Então, eu estou querendo dizer para vocês o quê? Eu estou querendo dizer que o momento não é de desesperança, porque, de vez em quando, a gente liga a televisão, ouve um rádio ou lê um jornal e vê acontecer uma desgraça com um jovem. Aquilo é passado, como se fosse toda a juventude que estivesse vivendo aquilo. Agora, se as pessoas viessem aqui e vissem o outro lado da moeda, e vissem que no Brasil a grande maioria da juventude não está perdida. A grande maioria da juventude acredita que o amanhã será



muito melhor, será muito mais produtivo, será muito mais garantido para ele.

Então, vocês não podem perder a esperança. Um jovem não pode perder a esperança. Ora, se uma pessoa com 60 anos, como eu, ou uma pessoa com 70 que está aqui, ainda acredita, quer viver e quer fazer as coisas. Eu fui no Rio de Janeiro participar de um processo de alfabetização. Entreguei o diploma de segundo grau para uma senhora de 94 anos de idade e ela me disse: “Presidente, eu quero que o senhor venha me entregar o diploma quando eu me formar na universidade, porque eu não quero morrer sem fazer universidade.” Se uma mulher de 94 anos tem essa esperança, porque um jovem de 18 anos vai perder a esperança? Vocês não podem perder a esperança. Vocês têm que acreditar que o Brasil não vai jogar fora a oportunidade dele no século XXI.

O Brasil jogou fora no século XIX. O Brasil jogou fora no século XX. Só para vocês terem uma idéia, de 1980 a praticamente 2000, a economia brasileira esteve estagnada. Ela não cresceu ou cresceu muito pouco. É uma geração de jovens. Esses meninos que vocês vêem aí, de vez em quando, sendo presos na Febem, no PCC, são jovens, resultado da década perdida. São jovens, resultado da década de 80, quando nós não investimos corretamente em educação, quando nós não investimos corretamente na formação da nossa juventude.

Se um político quiser falar, “vocês são o futuro da Nação”, nós precisamos começar a investir em vocês agora, ontem, anteontem e não depois de amanhã, porque depois de amanhã, possivelmente, já será tarde.

Eu queria então terminar parabenizando as entidades, parabenizando o Ministério do Trabalho e dizendo que se tem uma coisa que um presidente da República pode dormir todo dia satisfeito é quando ele encontra um grupo de meninas e meninos como nós estamos vendo aqui, com a alegria de pessoas que ainda não encontraram toda a mina de ouro, mas já sabem onde está. Já sabem que ali tem e vocês estão buscando.



Que Deus possa abençoar cada um de vocês. Que Deus possa dar paz e muita tranqüilidade para os pais de vocês para que eles, ao invés de atrapalhar, sejam a mola propulsora para incentivá-los a se transformarem nos filhos que eles sonharam e que o Brasil precisa.

Muito obrigado a todos vocês. Boa sorte e até outro dia.